

Caminhando nas fronteiras do natural: aproximações e limites entre psicanálise e gênero

*Por Marta Quaglia Cerruti**

Minha intenção é problematizar a aplicação do conceito de gênero em psicanálise. Afinal, trata-se de um conceito que pode ou não operar em nosso campo? Para tanto, inicio minha fala com um panorama bastante breve do que vem a ser o conceito de gênero, enfatizando mudanças políticas importantes que ele promove no corpo social, para posteriormente discutir a maneira pela qual Freud aborda a questão da diferença entre os sexos. Por fim, vou apontar como Lacan, a partir do texto freudiano, promove uma subversão radical ao tomar o sexo em sua posição discursiva.

Podemos resumir, de forma um tanto genérica, que os principais fenômenos que vem construindo uma mudança na visão da diferença entre os sexos são: a crise da família burguesa nuclear (monoparental e heterossexual); a entrada da mulher no mercado de trabalho, a separação da sexualidade da reprodução - sobretudo para a mulher após o advento de métodos contraceptivos -, e uma política de visibilidade de novas sexualidades. São situações que vem promovendo o deslocamento da fronteira homem pertencente ao espaço público; mulher pertencente ao mundo privado, e que vem configurando novos territórios para pensar a sexualidade.

Sobre esse pano de fundo as teorias do construtivismo social vão ganhando força e importância política. O campo construcionista se define por parâmetros que visam buscar o sentido das práticas sexuais, antes de atribuir-lhes um saber prévio. Partindo do pressuposto de que a sexualidade

deve ser entendida como uma atividade social, e não como fruto de uma modalidade instintiva, os autores buscam desvendar as conexões históricas, as crenças e os discursos que reforçam ou estigmatizam práticas sexuais.

A partir de estudos da Antropologia e do movimento feminista, inicia-se uma revisão crítica sobre as bases biológicas da sexualidade. O estudo de diferentes culturas denuncia que atos físicos idênticos possuem significados diferentes. Ainda aqui cabe ressaltar que, até mesmo no interior de uma mesma cultura, aparecem significados distintos para uma mesma prática sexual, revelando, segundo Weeks (1996, p.31), “um espelho de nossa própria transitoriedade”. O movimento feminista, por sua vez, questiona a subordinação da mulher atrelada à sexualidade, buscando desconstruir teorias que apontam a reprodução como o motivo da condição inevitável da subordinação feminina, relegando a mulher ao espaço doméstico. Somam-se aqui os esforços dos movimentos gays e lésbicos, que ao longo dos últimos anos têm colocado em debate supostas certezas acerca do comportamento sexual.

É a partir desta revisão crítica de uma postura essencialista, que se ancora no pressuposto de que o corpo expressa, em si, uma verdade sobre a sexualidade, que as teorizações sobre gênero ganham força. A categoria gênero deve ser entendida como os significados históricos atribuídos à sexualidade e ao corpo, reforçando as origens sociais das identidades sexuadas. A noção de sexo, entendido como uma propriedade biológica apartada de qualquer construção social acaba por se configurar como um discurso biomédico específico da cultura ocidental. A distinção entre sexo e gênero, de crucial importância para compreender a subordinação feminina e a dominação masculina, é ampliada a partir do entendimento de que os sentidos culturais simbólicos das diferenças, atualizados em comportamentos esperados de homens e mulheres, indicam as origens

histórico-culturais da diferença das identidades subjetivas de mulheres e homens.

Tal compreensão, ao historicizar os termos das diferenças sexuais, abre campo para o potencial analítico do conceito de gênero. Ao indicar não apenas as categorias sociais impostas sobre corpos sexuados, mas também a imposição da diferença, a historicização do conceito de gênero busca dar significado às relações de poder, em que as subjetividades adquirem sentido nas interações sociais. É inegável que, do ponto de vista de denúncias de desigualdades que atravessam séculos de opressão da mulher e de homossexuais, o conceito é fundamental para a promoção de mudanças políticas de extrema importância. Mas, aqui já se equaciona uma primeira interrogação: em psicanálise trata-se de desigualdade ou diferença?

Tendo em conta o tema desse encontro, qual é uma posição possível para o psicanalista diante dessas concepções? Também para Freud a diferença sexual não pode ser reduzida ao dado biológico. Contudo, ela tampouco pode se sustentar em categorias que postulam que suas manifestações estão inteiramente assentadas em práticas sociais. Então, se as sexualidades não são categorias de essência ou constructos históricos, o que produz a diferença sexual? Para Freud o significado atribuído à diferença anatômica dos órgãos genitais é interpretado em termos de ausência/presença: do ponto de vista perceptivo há um órgão que se dá a ver, e outro que não se dá a ver.

Em função disso, a psicanálise irá se ocupar das conseqüências que vão se produzir em um sujeito falante quando se dá conta de uma diferença que está no corpo. Para entender melhor esse ponto, vou recuperar aqui com vocês brevemente dois trabalhos de Freud sobre o tema: um de 1923, “*A organização genital infantil*”; o outro, de 1925, “*“*”. Meu propósito é, a partir de uma breve revisão desses trabalhos recuperar, nas formulações

freudianas, algumas questões que sustentam a teoria da sexuação em Lacan. E, mais ainda, revisar esses textos vai nos ajudar a extrair as conseqüências da afirmação freudiana que não existem dois sexos no ponto de partida da sexualidade, existe apenas um único significante que pode representá-lo, o significante fálico.

De fato, a primazia do falo é a descoberta fundamental formalizada no texto de 1923: uma novidade que vai promover um corte radical na compreensão da sexualidade humana, pois ao invés da primazia da genitalidade, a psicanálise sustenta a primazia do falo. É isso que a experiência clínica com a neurose vai confirmando para Freud: não há dois sexos no inconsciente. Ou seja, para a espécie humana não há repartição dada desde o início que irá colocar de um lado o homem, e de outro lado a mulher.

[...] a característica principal dessa ‘organização genital infantil’ é sua *diferença* da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*”. (FREUD, 1923/1980, p. 180)

Pois bem, se em seus três ensaios Freud separa a pulsão de um objeto passível de lhe ser natural, em 1923 ele dá mais uma volta no parafuso: se o organismo humano é sexuado, isso não significa que o sexo anatômico seja o ponto de partida inequívoco para separar homens e mulheres em categorias distintas. Nas formulações freudianas do inconsciente para ambos existe apenas o falo.

Nesse ponto é a análise de Hans que indica o caminho: é com ele que Freud constata que não basta ver e saber que o pênis está preso ao corpo para garantir que ele pertença a esse corpo. A análise de Hans revela que esse sentimento de possuir um pênis não se estabelece no campo do olhar e da imagem, não basta ver e saber que o pênis continua preso ao corpo de

um menino para que ele tenha a sua posse assegurada. O que abre a via possível para pensar que é apenas em outro lugar, em um campo distinto, em um registro de outra ordem que não a anatômica, é possível para o sujeito fixar sua morada.

Freud se preocupou em argumentar sobre a dificuldade que é pensar a diferença anatômica dos sexos, e isso em um sujeito em cujo psiquismo não é o primado da genitalidade o operador dessa diferença, mas sim o primado fálico. Daí a sua proposta, em 1925, de discutir isso em termos de suas conseqüências, ou seja, quais são as conseqüências no psiquismo da percepção de uma diferença, título que dá a seu trabalho de 1925. E isso tendo em conta que a criança irá dar tratos à bola para saber por que, afinal de contas, as coisas se apresentam assim: uns têm, outros não. E Freud aponta diferenças importantes nas respostas dadas por meninos e meninas.

Se, em um primeiro momento o menino não dá importância ao que vê (ou melhor, não vê) na menina, em um outro tempo essa percepção se torna motivo de angústia. Cito Freud:

“Somente mais tarde, quando uma ameaça de castração tiver importância para ele, sua observação ganha plenamente uma significação: se ele a rememora ou se ela a repete, ele se torna presa de uma terrível tempestade emocional e se põe a crer na realidade de uma ameaça da qual ele ria até então”. (FREUD, 1925/1980, p. 281).

Já a menina “[...] imediatamente faz um julgamento. Ela o viu, ela sabe que não o tem, e quer tê-lo”. (Idem, p.283).

Então, podemos dizer que desde o início é o falo que opera o regime de trocas entre meninos e meninas. O primado do falo, fundamento central da doutrina freudiana, é o que vai oferecer a possibilidade para se pensar o que se passa com o sujeito quando ele é confrontado com a diferença anatômica: aquilo que se dá a ver e aquilo que não se dá a ver, presença e ausência que marcam uma diferença, sendo que o falo é o marcador dessa

diferença. Ambos não se sentem completos, nenhum dos dois pode ter ou ser todo.

A descoberta do inconsciente nos diz algo bem distinto do que até então a anatomia pregava: não se trata de estabelecer diferenças visíveis nos corpos, pois isso não é capaz de apreender o sentido e o significado que definem a masculinidade e a feminilidade. A questão do sexo, para o psicanalista, deve ser respondida nos termos de um processo que só existe e que só se desdobra no psiquismo. Se não nascemos homem ou mulher, cada sujeito vai ter que procurar em seu discurso um ou outro sexo. E isso não se dá em uma sucessão de etapas de desenvolvimento emocional ou maturacional, mas sim na complexidade de uma lógica de um vir a ser, que Lacan procura formalizar através de suas fórmulas da sexuação.

E é a partir das diferenças anatômicas em termos de suas conseqüências no psiquismo, que Lacan vai definir a posição sexuada em termos da obtenção de um lugar no social: um processo inconsciente mediante o qual é possível eleger um modo de ser, promovendo uma passagem que vai da anatomia como destino para a constituição do sujeito na linguagem.

Todo o ser humano está submetido à castração, e o falo marca essa diferença. Uma situação que em absoluto prega que o jogo da sexualidade obedece a regras complementares, como qualidades contrapostas, tal como aparece no *best-seller* “*Os homens são de Marte, as mulheres são de Vênus*”. Não se trata de que a mulher perdeu algo que o homem não deve perder. As posições sexuadas são posições de discurso, nas quais macho e fêmea, por habitarem a linguagem, se identificam independentemente do sexo que a biologia define.

A lógica das fórmulas da sexuação revela a produção de dois conjuntos falantes, e que não estabelecem entre si uma relação complementar. Que fique claro: para a psicanálise o sujeito não é

substancial, e a diferença sexual não o descreve em termos de uma identidade (macho/fêmea; ativo/passivo ou qualquer outro predicado). Não se trata de predicados, mas sim de posições lógicas no discurso: logicamente todo, e logicamente não todo. Ou, melhor dizendo: a posição masculina é produzir-se dentro de um universal, e a feminina não, dado que a marca da posição feminina é resistir à universalização. Fica evidente que, em termos psicanalíticos, é impossível postular a existência de qualquer realidade pré-discursiva. E Lacan é bastante claro nesse ponto:

“O ser é um efeito do dizer; é um fato de dito. O discurso faz ser, faz o mundo”. (LACAN, 1972-73, p. 118).

Aqui estamos já bem longe do sexo definido pela biologia, bem como bem longe de ser o amor de um homem por uma mulher, de um homem por um homem, de uma mulher por uma mulher, etc, etc... Isso diferencia a abordagem da sexualidade tanto do sentido fisiológico como do sentido psicológico da palavra, pois nas relações entre os sexos é de identificações que estamos falando, e das condutas imaginárias das quais essas identificações são correlatas. A declaração de Othelo, na peça de Shakespeare, sobre o amor de Desdêmona é exemplar:

“Ela me amava pelos perigos que eu havia atravessado; e eu a amava porque ela sentia compaixão por isso”.

Em resumo, para a psicanálise as diferenças decorrem do fato de sermos todos falantes: todo o humano está submetido à castração pela linguagem e pela palavra, e o falo é aquilo que vem simbolizar essa limitação. Até o momento, na configuração do nosso *socius*, é o pai quem vem ocupando o lugar de um terceiro termo que deve romper um estado a-social. De fato, esse terceiro termo sempre terá que ser representado por algo ou por alguém, pois mais do que uma pessoa sexuada, trata-se de uma posição simbólica particular.

Cada uma das questões aqui levantadas é passível de aprimoramentos e de longas discussões. O que eu procurei fazer foi uma breve introdução de que para a psicanálise não se trata de um antagonismo entre sexo e sentido, mas sim de uma incompletude que é inerente a linguagem. E é justamente por essa razão que o sexo é imprevisível. Para a psicanálise o sexo não é algo cujo sentido é equivocado, e historicamente construído: enquanto as teorizações sobre gênero exigem uma abordagem com vistas a uma análise histórica- e nesse ponto, sem dúvida, mostram sua potência política –, a diferença lógica sexual não exige. É importante marcar, então, que são dois campos distintos, uma vez que a psicanálise se ocupa da constituição lógica do sujeito no discurso. Como bem diz o psicanalista Ricardo Goldemberg: “Diga-me como falas, com que lógica, e eu te direi que sexo tens”.

Resumo da ópera: a psicanálise, em seu ofício, não considera oposições biologia-história, natureza-cultura, essencialismo-historicismo. Em suma, o corpo não é nem natural, nem uma construção histórico-cultural. A construção- histórico cultural não é negada pela psicanálise, não habitamos um hiato no tempo. Contudo, devemos interrogar se gênero é efetivamente uma categoria que opera quando se tem em conta que, em uma análise, trabalhamos com a lógica discursiva.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____.(1909) *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, vol. X.

_____.(1923) *A organização genital infantil*, vol. XIX.

_____.(1925) *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* , vol. XIX.

GOLDEMBERG, R. *O homem genérico* (o repetido mal entendido entre as teorias de gênero e psicanálise. Disponível em: <https://ricardogoldemberg.com.br>.

LACAN, J. (1972-73) O Seminário, livro 20: *Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

**Doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP;
Membro do Laboratório Psicanálise e Sociedade IPUSP/PUC-SP;
Membro e professora do Departamento Formação em Psicanálise do Sedes.*